

## *Laços sociais intracomunitários na prática sociocultural do filó doméstico*

*Intra-community social ties in the sociocultural practice of the domestic filó*

Marcia Maria Cappellano dos Santos\*  
Samara Camilotto\*\*

---

**Resumo:** Neste artigo, objetivamos analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento. Temos por referente o filó como uma prática específica de encontro no âmbito doméstico, realizada por descendentes de imigrantes italianos no interior de suas residências; hospitalidade/acolhimento na perspectiva sócio-humana; e o Município de Arvorezinha – RS como a comunidade-alvo. Conforme a voz dos participantes da pesquisa, o filó é um encontro que se constitui através de visita/reunião. Os entrevistados dão destaque à oportunidade de trocas de ideias, de informações, de estar junto. Reunimos, dessa maneira, sinalizadores de que o encontro, pelo seu ciclo iterativo, fortalece os laços sociais

intracomunitários e a manutenção da prática, cujo alicerce está no acolher e ser acolhido.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Filó. Laços sociais.

**Abstract:** In this paper, we aim to analyze repercussions of the current sociocultural practice of *filó* in relation to intra-community social ties, considered relations of hospitality/welcoming. We refer *filó* as a specific practice of domestic encounter still carried out by descendants of Italian immigrants inside their residences; hospitality/welcoming from the socio-human perspective; and the municipality of Arvorezinha – RS as the target community. According to the voice of the research participants, the *filó* is a meeting that is constituted through visit/reunion. Respondents highlight the

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado – da Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* mcsantos@ucs.br

\*\* Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), bolsista Prosuc/Capes. *E-mail:* camilotto.sa@gmail.com

opportunity to exchange ideas, information, to be together. In this way, we gather signs that the meeting, through its iterative cycle, strengthens the intra-community

social ties and the maintenance of the practice, whose foundation of which is to welcome and be welcomed.

**Keywords:** Hospitality. *Filó*. Social ties.

## 1 Para iniciar o trajeto<sup>1</sup>

A imigração italiana no Brasil, que teve início em 1875, deixou diferentes marcas, dentre as quais algumas se mantêm impressas em práticas cotidianas. No Rio Grande do Sul, os descendentes daqueles italianos que vivenciaram o processo de migração têm, como uma dessas práticas herdadas através do tempo e das gerações, o *filó*.

À época da imigração, o *filó* consistia em um encontro realizado nas cozinhas, cantinas ou nos porões das casas dos imigrantes italianos, congregando famílias, vizinhos e amigos. Esses se reuniam para conviver, conversar sobre seus cotidianos, ler as cartas vindas da Itália, elaborar trabalhos artesanais, professar sua fé na religião católica, dentre outros hábitos. Os *filós* aconteciam, sobretudo, nas noites de sábado, já que, aos domingos, não havia trabalho na roça e, por isso, não seria necessário acordar tão cedo (RIBEIRO, 2004; CONFORTO, 2007; GOMES; LAROQUE, 2010). Gomes e Laroque (2010) destacam que o *filó* acontecia principalmente, nos meses mais frios, entre maio e setembro, em virtude do menor trabalho na lavoura. Quem oferecia as comidas e bebidas era a família anfitriã e se oferecia aquilo que era produzido através da agricultura e transformado em comida de acordo com os recursos da localidade: “[...] batata-doce cozida no forno, abóbora cozida, pinhões, pipoca, amendoim torrado, pão, salame, queijos, bolos e frutos da época” (GOMES; LAROQUE, 2010, p. 40).

Com o passar do tempo, os descendentes desses imigrantes mantiveram a adoção dessa prática como uma forma de convivência intracomunitária, tal como indicam pesquisas realizadas focalizando a perspectiva histórica do *filó* (CAMILOTTO; SANTOS, 2016).

Atualmente, essa prática sociocultural<sup>2</sup> vem sendo retomada no contexto turístico em localidades de colonização italiana, no Rio Grande do Sul, (re) contando “alusivamente” uma história que encerra raízes culturais, a qual

se busca preservar e dar a conhecer por seu caráter identitário. Já em outra conotação, a denominação “filó comunitário”, numa ampliação semântica do termo original “filó”, tem sido aplicada a eventos que congregam toda uma comunidade em celebração às relações sociais que marcaram o cotidiano dos imigrantes italianos. É o caso, por exemplo, do evento anualmente organizado no Município de Arvorezinha,<sup>3</sup> durante os festejos da Semana Italiana, conforme descrito e analisado por Camilotto e Hallal (2016).

Por outro lado, igualmente em Arvorezinha e em outros Municípios da região, o filó ainda é realizado no âmbito doméstico. Para além de outras perspectivas analíticas a que pode conduzir esse filó que permanece, refletir sobre como se configuram relações sociais e interpessoais entre aqueles que dele participam, nos remete a buscar compreender como aí se instituem e se caracterizam relações de hospitalidade/acolhimento.<sup>4</sup> Nesse sentido, considerando: a) o filó como uma prática sociocultural específica de encontro no âmbito doméstico, ainda realizada por descendentes de imigrantes italianos no interior de suas residências; b) hospitalidade/acolhimento na perspectiva sócio-humana; e c) o Município de Arvorezinha – RS como a comunidade-alvo de pesquisa, objetivamos, neste trabalho, analisar repercussões da atual prática sociocultural do filó no que tange aos laços sociais intracomunitários, consideradas relações de hospitalidade/acolhimento.

Na medida em que este estudo traz à reflexão a hospitalidade depreendida de interações entre aqueles que “fazem o filó”, ele possibilita pensar relações de acolhimento para além do espaço doméstico, uma vez que essas relações encerram marcas da dinâmica da cultura local e permitem, projetivamente, entrever traços sinalizadores de desenvolvimento da competência para o acolhimento da comunidade Arvorezinha – RS como um Corpo Coletivo que acolhe – o que confere, nesse sentido, relevância à pesquisa. A comunidade se mostra, ademais, como ancoradouro *no qual* e a partir *do qual* são realizadas reflexões que podem ser estendidas a outras localidades em que essa prática ocorre ou que dela se aproximam, ou ainda, trazer à reflexão, sob um prisma particular, a constituição e construção de laços sociais.

Assim sendo, no delineamento deste trabalho, outros itens compreenderão: referencial teórico construído; definições relativas à metodologia; análise e categorização das entrevistas; síntese interpretativa e considerações finais.

## 2 Hospitalidade/acolhimento no caminho – inserções conceituais

Se esse breve traçado insere o percurso histórico do filó, a pesquisa convida também a caminhar por estudos na área de hospitalidade/acolhimento. Nesse sentido, tendo em conta a multiplicidade de abordagens teóricas sobre a temática, de base, entre outras, sociológica, antropológica, econômico-comercial, algumas que põem em foco, de modo especial, a relação “eu-outro” possibilitam orientar a leitura objetivada da prática sociocultural.

Ao depararmos-nos com outra pessoa, para Baptista (2002, p. 157-158), estamos diante de um ser humano com “[...] outro mundo interior, povoado de segredos, de memórias, de temores e de sonhos”. Dessa forma, por sermos sempre um outro para o Outro, a experiência de alteridade por excelência é a relação entre os seres humanos (BAPTISTA, 2008). Duque (2014) explica que alteridade é sempre anterior à mesmidade, pois não é possível definir o “mesmo” sem determinar sua diferença em relação ao Outro. Relacionando suas reflexões com teorias de hospitalidade, afirma que “mesmidade é sempre exposição total à alteridade e a revelação máxima desse modo de ser dá-se na hospitalidade” (DUQUE, 2014, p. 153).

Na análise da hospitalidade, vinculada à relação entre sujeitos, as reflexões de Mauss no *Ensaio sobre a dádiva*, publicado originalmente em 1923, também se apresentam como referencial teórico. No ensaio, o autor descreve o que denomina de *sistemas de prestações totais*, sistemas de trocas que precedem à instauração econômica de mercado e de moeda na Melanésia, Polinésia e Noroeste americano (MAUSS, 2003), sociedades consideradas, à época de seus estudos, como arcaicas.

Baseadas na tríade dar-receber-retribuir, as trocas não são exclusivamente de bens e riquezas, “[...] são antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos [...]” (MAUSS, 2003, p. 190-191). O caráter voluntário dessas prestações, aparentemente livre e gratuito, é, de maneira paradoxal, obrigatório e interessado. Recusar dar, assim como recusar receber, é considerado uma recusa à aliança e à comunhão. Por isso, toda dádiva é, em princípio, sempre aceita e, mesmo, louvada. Mas o aceite, além de um benefício, gera um comprometimento, um desafio de retribuir, “[...] de provar que não se é desigual” (MAUSS, 2003, p. 248).

Contudo, o valor maior não está no objeto trocado, mas na troca em si, nas relações que se estabelecem, em que o objeto é a produção de sentimento de amizade entre as coletividades envolvidas. Mesmo na análise das formas de troca e de transações econômicas naquelas sociedades, segundo Mauss, no fundo, essas prestações totais consistiam em misturas: “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (2003, p. 212).

Em diferentes contextos, a tríade é destacada por Perrot (2011) – a retribuição reforça um vínculo entre pessoas; Gotman (2011) – a hospitalidade participa plenamente da coesão social; e Brusadin e Panosso Netto (2017) – o senso de comunidade se fortalece pela disposição para ajuda mútua.

Outra proposição a acrescentar, na construção do quadro teórico pretendido, é a de Santos, Perazzolo e Pereira (2014), as quais, com olhar de base psicossocioantropológica, concebem hospitalidade/acolhimento como um fenômeno que aflora em um espaço *entre*, no qual dois sujeitos, individual ou coletivo, desejam acolher e ser acolhidos. As posições iniciais dos sujeitos são como primariamente acolhido e primariamente acolhedor. Quando se alternam mutuamente em suas posições, emerge o acolhimento e, então, cada sujeito se distancia de demandas autocentradas e se volta para o outro buscando “[...] olhar com o olhar do outro [...]” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 146, tradução nossa).

Ademais, Perazzolo, Pereira e Santos (2014) propõem um modelo tipológico que abarca a natureza das demandas e as condições de tempo e espaço para o acolhimento, e que, assim, encerra níveis de sincronia e simetria relacionais: “A definição de simetria no fenômeno do acolhimento leva em conta o nível de igualdade ou desigualdade relativo à necessidade de acolhimento, ao passo que a sincronia se refere às condições de tempo e espaço que cenarizam o fenômeno” (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 5). Dessa forma, nos níveis de simetria, o acolhimento pode ser assimétrico (condição desigual, marcada pelo binômio “disposição – necessidade”), simétrico (padrão de igualdade nos sujeitos em relação às condições de trocas) ou amétrico (demandas autocentradas e ensurdecimento para com o Outro). Nos níveis de sincronia, o acolhimento se dá como pré-sincrônico (sujeito como pressuposto antes de sua chegada), sincrônico (mesmo

tempo e espaço experienciais) ou pós-sincrônico (derivado de experiências passadas, havendo aperfeiçoamento dos medidores relacionais).

O espaço doméstico, onde o filó é realizado, tem sido destacado por estudiosos como Lashley (2004), ao ressaltar que esse cenário conjuga os domínios privado e social da hospitalidade; Grassi (2011), ao analisar a hospitalidade como um gesto de autorização para entrar na intimidade do lar; e Smoliarova (2011), ao realçar a *entrada* como a ação e o lugar da ação, representada em rituais por todos os tempos e países. O espaço doméstico também está metaforizado na forma de mitos, como o de Báucis e Filêmon, relembrado por Boff (2005a). Também permite uma aproximação a Derrida (2003), quando esse enfatiza que toda interioridade tem portas e janelas para dar passagem ao estrangeiro.

A comensalidade também está associada à hospitalidade. Segundo Camargo (2015), o anfitrião tem sua maior dádiva ao oferecer o que tem de melhor. Para Montandon (2011a), quando consumidos em comum, alimentos e bebidas marcam o nascimento de uma comunidade. Boutaud (2011) destaca que a comensalidade é uma forma de partilha, troca e reconhecimento, e a mesa é, então, lugar de celebração. Indo ao encontro, Boff (2005a, 2005b) aborda a comensalidade como expressão de partilha não apenas das comidas, mas também dos corações, e a mesa, como lugar privilegiado do rito de comunhão.

### 3 Trajeto metodológico

A coleta dos dados aconteceu entre julho e outubro de 2017. Entrevistamos 25 sujeitos, moradores de Arvorezinha, que, entre 2012 e 2017 (recorte temporal), participaram de filós como acolhedores ou acolhidos. A identificação desses sujeitos se sucedeu com auxílio de indicações desencadeadas conforme o andamento das entrevistas. Selecionamos um sujeito (semente) para ser o primeiro entrevistado, uma pessoa que tem trânsito nos âmbitos rural e urbano do Município. A partir dele, num processo randômico, indicados transformaram-se em indicadores. Esse tipo de amostragem é denominado como *snowball sampling*, ou, em português, amostragem de bola de neve (VINUTO, 2014).

Sobre o perfil dos entrevistados, eles são de diferentes gêneros, com predominância do gênero feminino, idades entre 23 e 88 anos e residem em diferentes localidades do Município, tanto na zona urbana quanto na rural de Arvorezinha. Serão identificados, neste artigo, através de um código que inclui: S (sujeito) + gênero (f: feminino/m: masculino) + local de residência (r: rural/u: urbano) + idade, como, por exemplo, Sfu23.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com base em um roteiro previamente produzido, o qual, segundo Triviños (1987, p. 146), “[...] ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. O roteiro possui dois eixos: o primeiro corresponde ao perfil dos sujeitos; e o segundo, específico sobre o filó, abrange questões gerais acerca da prática e de questionamentos que a relacionam com as lentes teóricas da hospitalidade. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Tendo presente a natureza predominantemente qualitativa da pesquisa, a eleição do estudo de caso, como modalidade em que se inscreve, os supostos teóricos tomados por referência e os objetivos traçados, optamos por uma abordagem hermenêutica, porquanto haveríamos de buscar, pela via analítico-interpretativa, sentidos ocultos e aparentes nas vozes emanadas pelos sujeitos entrevistados. Conforme Rohden (2002, p. 238, grifos do autor), “[...] a hermenêutica considera a linguagem como um princípio que ‘aponta sempre mais além de si mesma e do que diz explicitamente’, isto é, não se esgota nem se conserva no que expressa, no que verbaliza”. No processo de interpretação, é necessária a composição de uma estrutura pela qual o texto será interpretado, isto é, uma grelha de leitura, como é denominada por Ricoeur (1978). Assim, o processo analítico-interpretativo dos dados coletados, de um lado, pautou-se pela análise enunciativa à luz de Bakhtin (1997) – quando analisamos marcas linguísticas presentes nas manifestações verbais dos entrevistados, considerando a individualidade desses sujeitos, o contexto, o gênero discursivo e a expressividade *nos/dos* relatos; de outro, contou com o concurso da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), a partir da qual analisamos os dados em três polos cronológicos: 1) pré-análise – leitura flutuante; 2) exploração; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesse percurso, as categorias foram construídas *a posteriori*.

#### 4 Movimento rumo à análise e categorização das verbalizações

Como é próprio do processo de realização de entrevistas semiestruturadas e atinente à natureza deste trabalho, ideias e narrativas diversas transitam pelas falas dos sujeitos entrevistados. Diante disso, definimos tópicos, apresentados a seguir, como proposta de síntese da análise e categorização dos enunciados.

##### *Definição*

Com o intento de construir uma definição de filó, originada das verbalizações, recorreremos a Garcia (2010, p. 332), para quem definição “[...] é um recurso de expressão de que nos servimos para dizer o que é que queremos dar a entender quando empregamos uma palavra ou nos referimos a um objeto ou ser”, a qual é constituída por quatro elementos: *Termo (definiendum)*: a coisa a ser definida; *Cópula*: verbo ser; *Gênero (genus)*: a classe (ou ordem) de coisas a que pertence o termo; *Diferenças (differentiae)*: tudo aquilo que distingue a coisa representada pelo termo de outras coisas incluídas na mesma classe. A partir das verbalizações dos entrevistados, numa primeira definição, Filó (T) é entendido como uma forma de convivência entre pessoas (encontro) (G) constituída através de visita/reunião (d1), que acontece à noite (d2), congregando amigos, vizinhos e/ou familiares (d3), com a finalidade de união (d4), em que ocorre conversa com trocas de ideias e relatos de histórias (d5), jogos de cartas (d6) e oferta de alimentos e bebidas (d7), sendo que os convidados são recebidos pelos anfitriões (d8) e, posteriormente, esses retribuem a prática (d9).

Como falas exemplificativas que reportam a tal definição podemos citar: “[...] visita que a gente faz no vizinho, num parente, num amigo [...] geralmente após a janta, de noite” (Smr50); “[...] pra conversar, assim mesmo, uma conversa do seu dia a dia, dos acontecimentos, da comunidade [...]” (Sfr24); “Hoje a minha família vai fazer filó na casa de um vizinho. Quando é, que nem, de repente a semana que vem, aquele onde eu fui venham na minha. É assim que forma os filó.” (Sfu51).

Acerca da oferta de alimentos e bebidas, o chimarrão desponta como bebida de única referência nessa pergunta e sinaliza processos de hibridação<sup>5</sup> dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e, posteriormente, de seus descendentes. Acompanhando-o, tem-se o alimento oferecido, o



qual é chamado pelo Sfr24 de “agrado”: “[...] pra tomar um chimarrão. Aí também é oferecido algum agrado [...]”. Como exemplos, menciona pipoca e bolacha. Alimentos citados por outros sujeitos foram amendoim, pinhão e rapadura. Observamos, também, a verbalização do Smu76: “[...] é, nós demos de tudo ainda”. Apesar da utilização do termo *ainda* para demarcar que tal fato acontece até o presente momento – e por isso pode passar a não acontecer mais –, essa fala exprime uma abertura dos anfitriões para a convivência, afinal, eles oferecem tudo o que é possível oferecer de alimentos para agradar aos convidados. Reforçando essa percepção, podemos visualizar a verbalização do Sfu37: “Pra comer as pessoas vão oferecer... o que tem feito na casa [...] o que eles têm.”

Nesse questionamento, percebemos que os sujeitos demonstram que os filós, além de terem valência positiva, mostram-se como uma forma de convivência relevante em suas vivências intracomunitárias. Nessas visitas, há o compartilhamento de ideias, de recordações sobre o passado, de perspectivas sobre o futuro, de comidas e bebidas, de momentos de entretenimento e, sobretudo, de vidas. Parece-nos que visitantes e visitados entram nessa relação com demandas e com disposições para ajudar e se transformar.

### *Motivação*

As respostas sinalizam que as pessoas se encontram em filós porque têm necessidade de se encontrar, de conviver, de conversar e, quando não se encontram, sentem saudades umas das outras: “[...] as vez dá saudade da pessoa: ‘ah, faz tempo que a gente não vai em tal lugar’.” (Sfr56). Essa prática também acontece, porque a cultura étnica tem destaque nas vivências da comunidade e, à medida que consideram o filó como legado cultural, procuram manter a realização dos encontros, como destacado na fala: “É, é assim, uma tradição<sup>6</sup> e que a gente não deixa morrer, porque se a gente não se motivar, assim, de manter viva essa tradição, daqui a pouco as futuras gerações não vão mais ter esse hábito.” (Sfr24).

### *Local/Ambiente*

Todos destacam que o filó acontece em casas. Perguntamos em que espaço da casa é realizado e, exceto um sujeito, os outros mencionam, sobretudo, a cozinha. Questionamos sobre o porquê dessa escolha, e a maioria

dos entrevistados cita fogo/fogão à lenha: “As pessoas chegam, sentam na cozinha, tem o fogão... se é meio frio, já sentam ao redor do fogão. O lugar dos filó é na cozinha.” (S<sub>fr36</sub>); “Oitenta por cento é na cozinha onde tem o fogão à lenha. [...] é o próprio calor, sabe? [...] E é como que diz a mãe: ‘O fogo é mais um, é uma companhia’, né?” (S<sub>fr24</sub>). Nesse sentido, depreendemos dos enunciados que receber os convidados dentro de casa sinaliza disposição para abrir o lar e a intimidade. A cozinha e o fogão à lenha estão relacionados ao preparo de alimentos e bebidas a serem servidos e ao calor que emana do fogo e aquece os participantes, mas também à aproximação das pessoas. É como se o fogão à lenha fosse a mesa de jantar e, ao seu redor, as pessoas sentam e vivem em conjunto.

### *Frequência/Realização*

As respostas dos entrevistados abrangem períodos menores de uma semana – “Tem os vizinho, aí uma noite vamo lá e uma noite eles vem aqui por semana. Na quarta nós imo lá e no sábado eles vêm aqui.” (S<sub>mu76</sub>) – até intervalos superiores a um ano – “Ih, não é nem uma vez por ano. Eu acho que... porque tem aqui os nossos vizinhos, mesmo, não sei se é porque a gente é vizinho mesmo, então a gente conversa todos os dias, né... de dia, então de noite a gente nem vai se visitar.” – (S<sub>mu67</sub>), sendo que um filó por mês é a frequência com maior ocorrência dentre os entrevistados, representando 24% do total de verbalizações. Os filós são, então, encontros que não regularmente acontecem para todos. A grande variabilidade – de visitas quase diárias àquelas realizadas anualmente – tem a ver com as idiosincrasias dos participantes. Mas, mesmo que haja essa oscilação de frequência na atualidade, o filó faz parte dos costumes construídos pelas cores locais, já que os sujeitos mencionaram que sempre realizaram a prática e continuam realizando-a.

### *Descrição da prática*

Das falas sobre os momentos prévios ao encontro, podemos inferir que um sujeito pode convidar alguém para que um filó aconteça em sua residência, pode ser convidado para ir até a casa do outro visitá-lo ou também pode se autoconvidar para participar – através de disposição subitânea ou de aviso-prévio. Na grande maioria dos casos, há coexistência de não planejamento, o visitante chegando inesperadamente à casa do anfitrião. Apesar de não referida anteriormente, a ocorrência, ou não, de convite vem a somar na definição sobre filós.

Identificamos que a recepção carrega tonalidades positivas para os entrevistados. Na saudação, ocorre a primeira troca de informações sobre a situação do outro – “[...] a chegada, a recepção, todo mundo se... nós temos o costume de se dar um abraço, pedir como é que tá, aí entra.” (S<sub>fu23</sub>) – e há o toque entre os sujeitos (abraço), o qual pode vir a salientar a empatia entre os partícipes e um primeiro sinal de disposição para o acolhimento. O S<sub>mu47</sub> em sua fala – “[...] a alegria de receber ou de ser recebido é absurda de... muito forte, muito forte. A recepção é bem calorosa.” – utiliza o adjetivo *muito*, inclusive em duplicidade, e o advérbio *bem* para dar ênfase ao fato de que a alegria proporcionada pelo momento de receber/ser recebido é intensa.

Acerca dos fatos que acontecem durante o exercício da prática, verificamos que eles compõem a própria definição construída a partir das manifestações dos respondentes sobre esse tipo de encontro, sobretudo trazendo destaque aos momentos de conversa e à oferta de alimentos e bebidas e, com menor relevância, aos jogos de cartas. Alguns entrevistados abordam instantes voltados à religiosidade, os quais podem ser adicionados à definição anteriormente elaborada. Há referências, também, à saída do visitante, em que se tem o agradecimento pelos momentos vividos e o convite do anfitrião para que o convidado retorne, e, desse, o convite para que o anfitrião retribua a visita.

### *Sujeitos em interação*

Receber pessoas em suas casas para fazer filós, para os entrevistados, significa, essencialmente, que existem vínculos de amizade entre os participantes, e que esse relacionamento é valorizado pelos convidados. Apesar de um dos questionamentos pôr em foco o sujeito primariamente acolhedor, em vários momentos, as falas sinalizam que o que se sucede, na verdade, é que esse sujeito se coloca na perspectiva de acolhido pelo visitante, mesmo em sua própria casa, afinal, se sente feliz, alegre, valorizado, tem a oportunidade de vivenciar momentos diferentes do cotidiano e que desfazem a solidão, e percebe o afeto que é dispensado por aquele que o visita, como expresso nas verbalizações: “[...] passa umas horas diferente, né, se não a gente sempre meio sozinho. Se vem um casal fazer filó, muda, muda tudo, e passa o tempo rápido.” (S<sub>fr69</sub>); “A gente recebe visita, parece que eles traz alegria em casa” (S<sub>fu73</sub>).

Quando a questão se volta para o sujeito em interação como primariamente acolhido, a maior parcela dos respondentes informa que é

“bem-recebido nas casas onde vai fazer filó”, o que já denota que, com o uso do advérbio, é uma recepção “em alto grau”. Assim, quando os entrevistados expõem somente isso, solicitamos que expliquem o que significa ser “bem recebido”. Nesse sentido, destacam, nas ações do anfitrião, a atenção que lhes é destinada, demonstrações de carinho, afeto, manifestações de felicidade e de valorização da visita e o agradecimento pelo convívio oportunizado no momento do encontro. Identificamos que, nessa resposta, todas as referências são sobre a relação interpessoal estabelecida no contato entre os sujeitos, o que sinaliza a relevância do filó como uma forma de convivência entre pessoas. Inclusive, são essas as ações que caracterizam os encontros, pois, conforme o  $S_{fus1}$ , além de ter valência positiva – “daí que é bom” – são elas que tornam o encontro um filó – “aí é que se torna um filó”.

Destaque merece o fragmento “[...] a gente se conhece mais, fala mais de você, fala mais da gente, daí pra gente se conhecer melhor” ( $S_{fu71}$ ), quando o entrevistado é questionado sobre o convite para alguém que ainda não conhece a prática. Nele, há configuração de um discurso indireto livre, que funde a narrativa com a citação direta, ou seja, a busca pelo conhecer o Outro (fala mais de você), o Outro, o conhecer (fala mais da gente), havendo, assim, pela relação de escuta mútua (pra gente se conhecer melhor), a construção almejada de acolhimento recíproco.

Em suma, quando questionados em relação às experiências como sujeito primariamente acolhedor e primariamente acolhido, os respondentes falam desde a perspectiva de acolhido: o sujeito primariamente acolhido tende a ver-se como objeto de acolhimento pelo acolhedor; o sujeito primariamente acolhedor projeta, na caracterização do acolher, traços do que esperaria como sujeito primariamente acolhido. Como o que seria uma decorrência, em ambas as situações, os entrevistados apontam ao que essa relação soma/somaria em sua vida, isto é, os resultados colhidos dos encontros, os quais, em todas as conjunturas, têm valência positiva. Eles sinalizam as ações tomadas pelo anfitrião com vistas a acolher o visitante, isto é, fazer com que suas demandas sejam acolhidas: receber bem, tratar bem, dar valor, procurar agradar, abordar assuntos de interesse. Dessa maneira, há uma percepção de valorização por se sentir digno de receber a atenção e o carinho do Outro. Identificamos que há sujeitos que entram na relação com demandas, mas, independentemente de ser primariamente

acolhedor ou acolhido, também têm disposição para acolher a demanda do Outro. Essa disposição não é obrigatória, imposta previamente, ela simplesmente existe, já que procuram olhar com o olhar do Outro. Esses indivíduos saem da relação transformados pelas aprendizagens oportunizadas. De forma geral, a retribuição de visitas realizadas é a busca de que esses laços afetivos e a convivência em comunidade se mantenham.

### *Súmula da viagem analítica*

Rumo à finalização da análise discursiva, as verbalizações, uma vez identificadas às respectivas incidências, foram agrupadas mediante processo de categorização (BARDIN, 1977). Como eixo categorial, estabelecemos **Casa**, ou o espaço de convivência no filó, representado, sobretudo, pela “cozinha”, local em que, particularmente, o filó e todos os seus desdobramentos se efetivam. No conjunto das categorias e subcategorias, o termo **Sentido** aglutina as subcategorias: Encontro, Visita e Reunião, as quais, por sua vez, compreendem manifestações dos respondentes que se inserem no âmbito das significações atribuídas ao filó. Já a categoria **Relações interpessoais e sociais** desdobra-se nas subcategorias: Diálogo e Troca, que remetem a processos de “inter”ação ocorridos nessa prática sociocultural. De outra parte, as subcategorias: Convite, Preparo, Chegada, Desenrolar e Despedida abrangem as narrativas que reportam à categoria **Rituais**.<sup>7</sup>

Ademais, retomamos a definição de filó, construída a partir de incidências de falas dos entrevistados quando questionados sobre o que consideram ser essa prática, na qual adicionamos adjuntos do núcleo do predicativo (diferenças) por conta de elementos referidos em respostas a outras questões: *Filó (T) é uma forma de convivência entre pessoas (encontro) (G) constituída através de visita/reunião (d1), que acontece à noite (d2), no interior das residências, sobretudo nas cozinhas (d3), congregando amigos, vizinhos e/ou familiares (d4), com a finalidade de união (d5), em que ocorre conversa com trocas de ideias e relatos de histórias (d6), jogos de cartas (d7), momentos de expressão de religiosidade (d8) e oferta de alimentos e bebidas (d9), sendo que os convidados são recebidos pelos anfitriões (d10) e, posteriormente, esses retribuem a prática (d11), dependendo, ou não, de convite prévio (d12).*

No próximo item, apresentamos a síntese interpretativa da pesquisa, em que buscamos o diálogo da análise e categorização das verbalizações com o referencial teórico construído, conforme objetivo do estudo.

## 5 Síntese interpretativa da jornada vivenciada

Tomando o objeto de estudo e a análise dos enunciados, temos o eixo categorial “Casa”, essa, centrada, particularmente, na cozinha, ou como nos fala Lashley (2004), no domínio privado, ambiente em que são atribuídos sentidos à prática e se efetivam relações interpessoais e sociais, bem como os rituais, sobretudo o desenrolar. Domínio que também poderia se aproximar à cena hospitaleira como a refere Camargo (2011), com a presença de anfitrião e hóspede, os quais possuem marcações precisas de tempo e espaço e falas mais ou menos estudadas, dependendo da intimidade de que desfrutam. Mas, diferentemente do que o autor expõe acerca dos cômodos em que se recebe o visitante, a sala de visitas, no filó, não se configura de forma predominante como espaço em que se evita o contato do visitante com o restante da casa. A cozinha é, principalmente, onde o filó acontece, sendo também o local onde os moradores mais vivem e convivem. Inclusive, na zona rural, não há sala de recepção, o que não significa ausência de disposição para receber, mas o compartilhamento de vida daquele que é visitado com o visitante. Aproximamo-nos, assim, do que nos diz Smoliarova (2011, p. 451) sobre hospitalidade: a “[...] mais apreciada ultrapassa as fronteiras geralmente estabelecidas entre o espaço público e o espaço privado de uma moradia”.

Poderíamos, então, pensar a casa (cozinha) como um lugar de hospitalidade, numa referência a Baptista (2008), a qual, para além de suas potencialidades materiais, expõe sua verdadeira riqueza, principalmente na forma como é compartilhada. Ao perceber a casa para além do seu valor utilitário, criamos a possibilidade de, até mesmo, atribuir-lhe o sentido de *morada*, o qual é referido por Noguero (2013, p. 171, grifo do autor, tradução nossa) quando tece considerações sobre Lévinas: “A casa deixa de ser instrumento quando permite o recolhimento, a intimidade; toda intimidade necessita e requer um acolhimento. Quando a casa é acolhedora, adquire o significado de *morada*”.

Como mencionamos, o filó, na voz dos entrevistados, é uma forma de convivência entre pessoas, assumindo o sentido de encontro. Isto é, acontece pelo simples prazer em estar junto, tanto em termos de finalidade quanto de motivação, independentemente da regularidade com que ocorre. Seria possível afirmarmos, então, que uma interação social, que parte do

deslocamento do convidado até a casa do anfitrião para se encontrar-se por determinado tempo – o que para Montandon (2011b) corresponde a uma visita –, tende a reforçar o vínculo social entre os participantes que, nessa relação interpessoal e social, são conhecidos.

E, nesse espaço de familiaridade, reconhecemos uma experiência de alteridade, numa alusão a Duque (2014). Fazendo parte dos rituais do encontro, a passagem do hóspede (participantes do filó) pela porta, a qual emoldura a entrada na casa do anfitrião, mais uma vez nos reportando a Smoliarova (2011), faz-se a abertura de um sujeito ao Outro, pois aquele que autoriza a entrada permite que outrem adentre sua casa (território geográfico) e sua vida (território psíquico), como é observado por Grassi (2011).

Não poderíamos deixar de recordar Baptista (2005, p. 15-16), ao dizer que, “[...] quando outra pessoa entra no universo da nossa mesmidade, nada poderá voltar a ser como antes”, e, no filó, o “diá”logo é a forma como um indivíduo se expõe ao Outro, abre seu universo de memórias, de emoções e de pensamentos. Nesse encontro, o desejo pela conversa advém da abertura dos dois sujeitos em interação – cada um conta de/sobre si/sobre algo/pergunta sobre o Outro. A busca por tomar conhecimento sobre a situação do Outro, ouvi-lo e ajudá-lo pode vir a denotar a relevância dessa relação para os sujeitos, e a disposição para ajuda mútua, conforme assinalam Brusadin e Panosso Netto (2017), vem a fortalecer o senso de comunidade.

Essa importância, Bessone (2011) também a destaca ao sublinhar que o diálogo é condição essencial da hospitalidade, sendo reconhecido o Outro como um ser radicalmente diferente de mim [o estrangeiro], mas, ao mesmo tempo, meu igual [eu, estrangeiro com relação a ele] fazendo nascer um *nós* que partilha um modo de pensar [a estrangeiridade que habita em nós, em mim e no Outro]. Assim como denotam diferentes verbalizações, do próprio diálogo emerge o sentimento de amizade e de “comum”-unidade: *eu sei que somos diferentes, mas, como amigos, em nossas diferenças, somos iguais*.

A produção de sentimento de amizade, de que também nos fala Mauss (2003), como finalidade de trocas e contratos feitos por coletividades, se mostra presente nos filós quando os respondentes destacam trocas de experiências, conversas sobre a vida e momentos de descontração. Um dos entrevistados apontou que o mais importante, ao ser recebido na casa de outras pessoas para fazer filó, é a valorização percebida e a construção

da sensação de fazer parte da família do anfitrião. Já outro apontou que fica feliz ao ver que seu anfitrião, além de lhe proporcionar alegria, tem felicidade em recebê-lo. Nesses momentos de troca, conforme sinalizamos na categoria “Relações interpessoais e sociais”, os participantes celebram a alegria em viver em conjunto, e, inclusive, em alusão a Mauss (2003), misturam suas vidas, as almas nas coisas, as coisas nas almas.

E se as vidas se misturam, as pessoas, ao darem um presente, seja a abertura de suas casas, uma manifestação de atenção ou de afeto, uma palavra de motivação ou carinho, ou então, um alimento ou bebida produzida com suas próprias mãos, estão dando algo de si, ou, até mesmo, como refere Montandon (2011c), revelando seu caráter.

A alternância de residência se dá como uma lei não escrita, trazida à reflexão por Camargo (2011), subjacente aos rituais da despedida do filó (*eu digo que visitei você, agradeço por ter me recebido, e digo que agora você tem de me visitar*), e, por extensão, aos rituais do convite e do preparo. Nesse ciclo, estaria uma inversão de papéis entre anfitrião e hóspede, ciclo esse que leva a uma aproximação à tríade maussiana “dar-receber-retribuir”. A retribuição de filós não teria o objetivo de quitação de dívida. Tomando emprestado os termos de Perrot (2011), dali se depreende o reforço do vínculo afetivo entre a comunidade. Essa retribuição, que acontece entre pares, de acordo com Gotman (2011), participa da coesão social da comunidade de Arvorezinha. Sem trocas monetárias, esse vai-e-vem está na base da própria concepção de filó como forma de convivência entre pessoas.

Como procuramos expressar na categoria “Rituais e respectivas subcategorias”, a alimentação, durante o encontro, representada pela oferta de alimentos e bebidas pelo anfitrião ao convidado, tem grande destaque no filó. Por conta da espontaneidade que caracteriza essa forma de convivência, a qual pode depender ou não de convite, as pessoas, antes da visita, organizam suas refeições e preparam comidas que podem vir a ser objeto de dádiva. Poderíamos, aqui, nos reportar ao que assinala Camargo (2015), quando afirma que, ao oferecer o que tem de melhor e proporcionar esse tipo de experiência, o anfitrião tem a sua maior dádiva, o que percebemos suceder-se nos encontros, já que há entrevistados que destacam ofertar tudo aquilo que têm para ser ofertado – o que falas dos entrevistados traduzem nas referências, por exemplo, à pipoca, ao amendoim, à rapadura, ao chimarrão.



Mas falar em compartilhamento de alimentos e bebidas aos convivas, nos remete, de imediato, à ideia de comensalidade. Assim como o diálogo, a alimentação, além de indicar ato de amizade, nos termos de Lashley (2004), fortalece os vínculos de confiança entre os participantes, isto é, auxilia no fortalecimento de laços. A comensalidade, essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento, conforme nos diz Boutaud (2011), e que está tão presente no filó, é para Camargo (2015) o ponto alto da cena hospitaleira, do ritual; para Boff (2005a), a expressão mais alta da convivência. Nos filós, a partilha de alimentos e bebidas integra a ambientação – convivas sentados ao redor do fogão à lenha (que auxilia no preparo do que é ofertado) – e é nodal na concepção e vivência do encontro – “comum”união, “com”vivência. Parece-nos que, da mesma forma que destaca Franco (2010), os entrevistados atribuem grande função social à comensalidade. Além disso, o fogão à lenha, além da função utilitária, pode ser comparado à mesa a que se refere Boff (2005b), pois remete a um rito, representa lugar de partilha, em que a alegria do encontro é comunicada e não há cerimônia nas observações acerca do cotidiano. Emergem opiniões sem censura sobre os assuntos abordados. Metaforicamente, fundem-se o calor do fogão e o da hospitalidade.

A oferta de alimentação e o ato dos participantes de se posicionarem ao redor do fogão à lenha também estariam revelando a ênfase dos traços culturais na comunidade arvorezinhense, o que torna o filó uma prática sociocultural. O chimarrão, elemento de processos de hibridação, é assinalado na voz de entrevistados com menções em relação à obrigação de ser ofertado e como marca dos costumes locais. Mas, para além disso, essa bebida, ao mesmo tempo que expressa um agrado ao convidado, reitera uma relação entre iguais, ou uma simetria relacional (PERAZZOLO; PEREIRA; SANTOS, 2014) – também destacada, sob outra perspectiva, a da poética, como o fazem Kleiton e Kledir em sua canção “Roda de Chimarrão”: “[...] *De boca em boca, de mão em mão; Puxa um banco e senta; Vem cá pra Roda de Chimarrão; Vem, aquece a goela; E de inhapa a alma e o coração [...]*”.

Os entrevistados referem-se, também, ao ajuste mútuo perante as necessidades do Outro – “[...] principalmente amizade. O querer conviver com outras pessoas, né, se encontrar.”, “da mesma forma que recebemos com carinho, somos recebidos com carinho”. Mesmo que, se em tese, pudéssemos falar de uma relação assimétrica entre anfitrião e hóspede, as respostas apontam para

um encaminhamento na direção de uma simetria relacional, remetendo-nos a Perazzolo, Pereira e Santos (2014). Das verbalizações, depreendemos a experimentação do prazer e da afetividade, ou seja, do acolhimento simétrico, num desejo bilateral de acolher e ser acolhido (*o filó é muito divertido, a alegria é muito forte, me sinto muito bem, é muito gratificante, te querem bem*).

Nessa alternância de polos relacionais entre acolhedores e acolhidos, há o (re)conhecer o Outro e um (re)conhecimento de si simultaneamente, o que repercute no fortalecimento das próprias relações de acolhimento em suas dimensões afetiva, cognitiva e relacional e, por conseguinte, de laços sociais: “No filó, a gente sabe de alguma coisa”, “a gente vê que tem alguma coisa na vida”, “quando vem alguém, muda tudo.”

Considerando esse ciclo iterativo, entendemos que a proposição de cada novo encontro, precedida ou não por convite, assume, novamente em referência a Perazzolo, Pereira e Santos (2014), a configuração pós-sincrônica. Independentemente da regularidade, todos os entrevistados participam de filós. O acolhimento sincrônico, marcado pelo mesmo tempo e espaço experiencial, se efetiva no filó como encontro propriamente dito, a que se refere a categoria Sentidos; encontro-ritual que se dá pelos ritos Chegada, Desenrolar e Despedida; e de Relações Interpessoais e Sociais, concretizadas, como vimos, pelo diálogo e pela troca. Nessa conjuntura, compreendemos que, em filós, no relacionamento entre conhecidos e nas vivências sociais oportunizadas pelo encontro, o Eu e o Tu transitam para o Nós e se *celebra*, então, um vínculo comum.

Em filós, tem-se oportunidade de tornar o (sujeito) conhecido cada vez mais conhecido e mais conviva. Também, tem-se ocasião para (re)conhecer a si e se (re)conhecer como membro integrante de uma comunidade. Reunimos, nesse sentido, indícios de que esse encontro, pelo seu ciclo iterativo, fortalece os laços sociais intracomunitários e a manutenção da prática, cujo alicerce está no acolher e ser acolhido.

## **6 Considerações sobre o percurso**

Intentando tecer considerações sobre o percurso, percebemos que a comunidade de Arvorezinha se apropria do filó como uma forma de convivência

em que o ciclo dos encontros não é fechado, sem permeabilidade; é aberto a diferentes grupos de amigos, vizinhos e/ou familiares interagindo entre si e uns com outros, numa espécie de rede que se conecta em diversos pontos.

Entretanto, o momento é muito diverso daquele em que ocorriam os filós, tal como os estudos histórico-culturais retratam e como abordamos. Falamos, aqui, não mais do ambiente prioritariamente rural, onde parentes, amigos, vizinhos, separados por distâncias consideráveis, muitas vezes de difícil acesso, a serem percorridas a pé, encontravam no filó uma resposta a um arraigado e intenso desejo de conviver, ou uma forma de suportar a saudade da terra natal, dos parentes e amigos deixados na Itália.

Nossos entrevistados falam de outro cenário, o urbano, e de um rural que desse se aproximou, com o acesso aos transportes que encurtaram distâncias, os meios de comunicação e os recursos tecnológicos que permitiram, sem deslocamento físico e sincronicamente, estarmos em todo o Planeta. O convite, ou o comunicado da visita, parte de um telefonema, de um *e-mail*, das redes sociais; alimentos e bebidas a serem oferecidos podem ser encontrados nas prateleiras de um supermercado. Outros elementos poderiam ser aqui mencionados, evidenciando que, sob esse prisma, o filó não seria impermeável a mudanças contextuais. De um encontro que acontecia, de certo modo, como uma imposição, hoje ele se configura como uma alternativa, dentre tantas, mas que vem se sustentando.

Nesse outro contexto socioeconômico e cultural, os assuntos debatidos, como relatam os entrevistados, vão do âmbito familiar ao profissional, aos negócios, às viagens ou, até mesmo, às próprias redes sociais. Contudo, conforme se constatou nas análises, o destaque eminentemente maior é aquele dado à oportunidade de trocas de ideias, de informações, de experiências, de estar junto. Em outras palavras, a importância conferida às relações interpessoais, ao encontro – uma dádiva mútua, mutuamente retribuída.

Pelo que sinalizam as respostas, os domínios do encontro no filó parecem resistir à liquidez dos tempos modernos que fragilizam os laços humanos, de que nos fala Bauman (2004). Rituais, valor simbólico, demandas comuns, trocas afetivas e diálogo parecem carregar a essencialidade do “com” partilhar de casas e de vidas que marcam esse encontro. Em um trânsito cíclico e contínuo de “re”conhecimento, de acolhedores que se veem como acolhidos e de acolhidos que se veem como acolhedores,

mostra-se, iterativamente, brotar a seiva que nutre o cultivo do filó, com suas características essenciais, como um traço identitário de Arvorezinha, e, por sua vez, nutrindo o sentimento de pertença àquela comunidade – àquela que precede o sujeito, em que as relações se constroem face a face, novamente nos reportando ao sociólogo.

Queremos, ainda, mais uma vez, enfatizar a relevância das relações de hospitalidade/acolhimento, como prática ou horizonte. Por isso, acreditamos ser oportuno e pertinente, neste momento, tomarmos emprestadas as palavras de Santos (2014, p 17, grifos da autora), ao reafirmar que é pela via dessas relações que se tece e se institui o laço social. Aí reside o processo “[...] através do qual os sujeitos individual e coletivo criam, delineiam, povoam identidades singulares e compartilhadas e constroem o social” e assim promovem uma “[...] interlocução propulsora do trânsito entre os espaços do *eu* e do *outro*”, fonte geradora de aprendizagens e transformações.

Viagem finalizada, vislumbra-se a possibilidade de outras iniciarem. Pesquisa com moradores que não participam dessa forma de convivência ou, ainda, estudos comparativos (filós em contexto turístico e comunitário em Arvorezinha e outras localidades) mostram-se como uma seara aberta e importante para a pesquisa em hospitalidade/acolhimento.

## Referências

---

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAPTISTA, I. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view-File/150/175>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- BAPTISTA, I. Para uma geografia de proximidade humana. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 11-22, 2005. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/219/235>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, C. M. de M. (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002. p. 157-164.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BESSONE, M. Do eu ao nós. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 1.267-1.279.
- BOFF, L. *Virtudes para um outro mundo possível: comer e beber juntos e viver em paz*. Petrópolis: Vozes, 2005b. 3 v.
- BOFF, L. *Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade direito e dever de todos*. Petrópolis: Vozes, 2005a. 1 v.
- BOUTAUD, J. J. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 1.213-1.230.
- BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. O sacrifício das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In: BRUSADIN, L. B. (org.). *Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento*. Curitiba: Prismas, 2017. p. 23-41.
- CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 42-69, maio 2015. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574/643>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- CAMARGO, L. O. de L. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 13-30.
- CAMILOTTO, S.; HALLAL, D. R. Arvorezinha em festa: A Semana Italiana. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 480-493, out./dez. 2016. Disponível em:

- <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4189/pdf>. Acesso em: 24 jan. 2017.
- CAMILOTTO, S.; SANTOS, M. M. C. dos. As relações de hospitalidade na memória sobre os filós em uma região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 13., 2016, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2016. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DHT2/553.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Ed. da USP, 2003. (Ensaio latino-americanos, 1).
- CONFORTO, M. Traçando a palha, tecendo histórias: entrevistas do acervo da ECIRS. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul: EDUCS, v. 6, n. 12, p. 153-176, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/841/598>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DUQUE, J. M. Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (org.). *Laços sociais*: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p. 149-160.
- FRANCO, A. *De caçador a gourmet: uma história da gastronomia*. 5. ed. São Paulo: Senac, 2010.
- FRANCO, S. de G. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995. (Coleção filosofia).
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.
- GOMES, V. F.; LAROQUE, L. F. da S. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do filó em localidades do Vale do Taquari – RS. *Revista Destaques Acadêmicos*, Lajeado, ano 2, n. 2, p. 33-43, 2010. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/217>. Acesso em: 3 mar. 2015.
- GOTMAN, A. Uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 73-81.
- GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 45-53.
- HOBSBAWM, E. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (org.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004. p. 1-24.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.
- MONTANDON, A. Convidar/receber. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011b. p. 1.303-1.309.
- MONTANDON, A. Espelhos da hospitalidade. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011a. p. 31-37.
- MONTANDON, A. Introdução. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011c. p. 41-43.
- NOGUERO, F. T. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 161-212, dez. 2013. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/530/541>. Acesso em: 16 jul. 2018.
- PERAZZOLO, O. A.; FERREIRA, L. T.; SANTOS, M. M. C. dos; ZERGER, E. Relações de hospitalidade no entrecruzamento das dimensões ‘sincronia’ e ‘simetria’ no contexto do turismo. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, Caxias do Sul, v. 8, n. 4, p. 538-554, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4633/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. dos; Sincronia e simetria: proposições tipológicas para o acolhimento. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, II., 2014, Fortaleza. *Anais* [...]. Fortaleza: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2014. Disponível em: [http://www.anptur.org.br/novo\\_portal/anais\\_anptur/anais\\_2014/arquivos/DHT/DHT2/093.pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DHT/DHT2/093.pdf). Acesso em: 23 maio 2016.
- PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C. dos; PEREIRA, S. Dimensión relacional de la acogida. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, Argentina, v. 22, n. 1, p. 138-153, jan. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180725735008>. Acesso em: 23 maio 2016.
- PERROT, D. Hospitalidade e reciprocidade. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo:

Senac, 2011. p. 63-72.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1978.

RIBEIRO, C. M. P. J. O lugar do Canto. In: RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. (org.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes – 25 anos do Ecirs*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 339-345.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2002. (Coleção ideias).

SANTOS, M. M. C. dos. Introdução: A metáfora *laços sociais* e a hospitalidade. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p. 13-17.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. In: SANTOS, M. M. C. dos; BAPTISTA, I. (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p. 49-63.

SMOLIAROVA, T. Artefato de boas-vindas. In: MONTANDON, A. (dir.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011. p. 439-451.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, n. 44, p. 201-218, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>. Acesso em: 21 nov. 2017.



## Notas

---

1. Este artigo foi elaborado a partir da dissertação intitulada *Relações de hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual – o caso de Arvorezinha – RS – Brasil*, defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), através do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (Prosuc).

2. Na qualificação *sociocultural*, está compreendido o entendimento de cultura, conforme Laplantine (2003, p. 96), ou seja, como “[...] o conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros.”

3. Município que se localiza na Encosta Inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, na região do Vale do Taquari, e dista cerca de 210 km de Porto Alegre, capital do estado.

4. Neste trabalho, “Hospitalidade e acolhimento são termos que se permeiam e se referem, respectivamente, à forma e à dinâmica do fenômeno que se constitui no espaço ‘entre’ sujeitos em interação

[...]” (PERAZZOLO; FERREIRA; SANTOS; ZERGER, 2016, p. 542).

Segundo as autoras, como ambos são fenômenos relacionais, ou seja, possuem o mesmo sentido, ambos são tomados como equivalentes, não sendo feita distinção em seu uso. Adotaremos essa equivalência.

5. Híbridação corresponde, conforme Canclini (2003, p. XIX), a processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

6. Apesar de menções ao filó como uma prática que é *tradição* em Arvorezinha, percebemos que ele se refere a um *costume* dessa comunidade, tomando por base a distinção feita por Hobsbawm (1997, p. 10): “O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas) tais como a repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante [e] não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim [...]”.

7. Radcliffe-Brown (1978) salienta que toda expressão coletiva [prática ritual] de qualquer sentimento serve tanto para mantê-lo na mente do indivíduo, como para transmiti-lo de geração a geração. O autor diz, ainda, que “quando diferentes

costumes são justamente praticados numa mesma ocasião, há um elemento comum a todos eles” (RADCLIFFE-BROWN, 1978, p. 13). Camargo (2015, p. 56) destaca que o ritual da hospitalidade “é uma cena, no sentido teatral da palavra, com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. [...] A cena hospitaleira é sempre um microrritual de passagem [...] separação, passagem e integração”.